

Parte 3: Recenções

Portugal Católico: Apreciação Crítica

José Eduardo Franco e José Carlos Seabra Pereira, *Portugal Católico: A Beleza na diversidade*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2017.

Vitor Melicias
OFM

-Torres Vedras, 9.03.2018-

Agradecendo o convite amigo para partilhar convosco este momento alto da vida cultural da nossa terra, saúdo em todos vós o espírito que aqui nos trouxe, começando por agradecer à Câmara, nas pessoas do seu Presidente e caro Amigo, Dr. Carlos Bernardes, e da jovem Vereadora da Cultura, esta significativa escolha dos Paços do Concelho, casa do povo da nossa terra, para apresentarmos tão importante obra de cultura e de incentivo à aculturação da fé.

Tenho apresentado dezenas de livros sobre os mais variados temas e matérias, incluindo biografias de grandes amigos, como o Eng. António Guterres ou o Dr. Mário Soares, mas sinto que nenhuma dessas apresentações tenha, talvez, tido sabor tão especial como este

1º- por ser na minha terra e terra de origem, de cidadania e afeto da mais eminente figura da Igreja em Portugal, o nossos tão estimado, D. Manuel Clemente, honra da nossa terra, menino de ouro da nossa gente;

2º- por ser para vós, gente amiga, gente da melhor sociedade e igreja torrienses; e, finalmente,

3º- por se tratar deste “Portugal Católico”, obra de inestimável valor e atualidade, que o Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, na sua primeira apresentação em Lisboa, classificou de “monumental” e de “obra notabilíssima”.

Na verdade, o livro, que aqui tenho a honra de vos apresentar, é muito mais do que um livro. É uma mensagem e um desafio.

Historiando, não é um livro de História. Afirmando e defendendo, não é livro de Apologética. Nem compêndio de estatísticas, análises ou cronogramas programáticos.

Apesar de preparado para ser oferecido ao Papa Francisco no contexto da sua memorável peregrinação a Fátima, este livro, tão pouco e muito menos, é um Relatório de “estado da nação” do tipo daqueles que os Bispos apresentam ao Papa na Visita ad Sacra Limina ou dos que Dioceses e Institutos enviam com regular periodicidade para as competentes instâncias eclesiais de informação e controlo.

Concebido ao jeito do “France Catholique”, que, porém, não imita nem copia, antes supera, este “Portugal Católico” apresenta-se mais como aquilo, que os próprios autores chamam “radiografia” e que o feliz subtítulo de “Beleza na Diversidade” bem poderia anunciar como de verdadeira “beleza da diversidade”.

Resultando de múltipla participação, em selecionada diversidade, as 847 páginas desta preciosa coletânea, para além das três lapidares peças de introito (o Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa, o Prelúdio de D. Manuel Clemente e o Limiar de António Guterres) e dos textos dos 188 autores, distribuídos por 14 apartados temáticos a que poderíamos chamar capítulos, constituem aquilo que se pode dizer a mais pertinente e oportuna leitura, plural e isenta, do atual catolicismo português com todas as suas “presença e ausências, acertos e desacertos, forças e fraquezas”, como diz o Prof. José Eduardo Franco, a pág. 41.

Eu disse “leitura do catolicismo português” e não disse (nem o título da obra diz) “católicos ou catolicismo em Portugal”, porque se é certo que, como escreve o nosso Cardeal, “é difícil conjugar Portugal com Católico”, não é menos certo que a cultura, a história, a arte e a linguagem, os costumes e crenças populares são os de um povo e um país, onde a louvável separação em sã laicidade entre o Estado e as várias religiões, confissões e tradições religiosas bem como a pacífica e bem-vinda coexistência, direi mesmo boa colaboração entre as várias expressões culturais e religiosas não estorvam, antes confirmam, que Portugal não é apenas um país, que tem muitos católicos (aliás, em grande maioria), mas um país cuja estrutura cultural e de sociedade faz dele um Portugal católico (palavra grega, que, como sabemos, significa universal e universalista).

Dito de outro modo, Portugal é um país plural e pluralista, que sem excluir, antes integrando e respeitando, a “beleza da diversidade e na diversidade” de culturas e cultos e de todas as sensibilidades religiosas ou não religiosas, continua a ser um País, cuja mística de “povo de Encontro” marca, cá dentro e lá fora, a sua identidade e história de povo da cruz nas caravelas e das cinco chagas de Cristo incrustadas na esfera armilar daquele humanismo, que António Guterres aqui chama de “universalista e planetário”.

Povo de povos, sangue de sangues, cultura de culturas feita, o português é, por natureza e por história, um Povo de Encontro e de Diálogo.

Esse nosso humanismo de encontro e diálogo assenta naquele sentido pragmático de abertura à diversidade, que nos levou a ensinar os brasileiros “a dar um jeitinho” ou os alentejanos ao encolher de ombros com um displicente “tá bêm dêxa” ou ainda a usar daquelas sabedoria, feita de muitos saberes e de longa vida, que nos permite fazer como o famoso P. Jerónimo, um franciscano proverbialmente bem disposto, que certo dia estando a celebrar a missa, que então era em latim e terminava obrigatoriamente com o conhecido e longo texto do evangelho de S. João “In princípio erat Verbum, et Verbum erat lux,” ...era isto, era aquilo e aqueloutro...”, de repente, parou e disse: “fosse, que não fosse...o Verbo incarnou e aqui é que está tudo” e, logo, benzendo-se deu a coisa por terminada e saiu para a sacristia.

Sim, no nosso sentir ancestral há, felizmente, muito “fosse que não fosse” para distinguir o essencial do acessório e aceitar o diferente, por vezes reagindo como o Vaqueiro do Monólogo de Gil Vicente: “Se soubera, não viera e, se viera, não entrara, mas...está, está feito”.

Concebido e conseguido “menos numa lógica confessional e mais como fator de enriquecimento mútuo”(Guilherme de Oliveira Martins, *hic*, pág.178), este é um Portugal Católico visto por dentro, mais à procura da sua essência do que da sua visibilidade estatística e operacional, funcionando quase como enciclopédia mais do que simples antologia, consegue cobrir o vasto leque de sensibilidades religiosas, incluindo as internas à própria Igreja católica, de modo a dar boa nota daquilo que Luís Salgado de Matos, a pág.179, chama “a especificidade do catolicismo português”, assim se constituindo em verdadeira ode e laude ao nosso jeito português de ser católico, ou seja, ao Portugal católico, que realmente somos e que dá nome e conteúdo a este livro.

Esta “leitura” feita por muitos olhos com diversos olhares e modos de ver (só entradas nos 14 capítulos são 203 com 188 autores) consegue preservar e, sobretudo,

promover aquela “homogeneidade diferencial”, de que nos falava o, para mim, grande amigo e mestre Tierno Galván, e à qual aqui demos qualificação de “beleza na e da diversidade”.

Para conseguir isso, com tanto sucesso, a Obra, verdadeiro livro de ler o “hic et nunc”, livro do “aqui e agora” virado ao futuro, não branqueia nem escurece ou escamoteia realidades ou sentimentos. Assume os claros e os escuros, os altos e os baixos, levando-nos, porém, a constatar que, tal como na “linha de trend”, linha de tendência, de que tanto se servem os economistas, o traço, que liga os picos ou pontos altos da evolução, é sempre ascendente e positivo.

Não se ignora que, em pessoas e atitudes, nesta nossa Igreja ainda tão longe da plena receção e entendimento do Vaticano II e da sua eclesiologia, Igreja aqui e além restauracionista e híper conservadora mesmo em relação à doutrina e proféticos gestos do Papa Francisco, há, como bem diz Leonor Xavier, a págs. 155, “os católicos submissos a Roma e à hierarquia, há os que abandonam a Igreja e a prática e há os que permanecem em movimentos ditos de fronteira, procurando introduzir reformas e aproximar a Igreja do mundo real”(fim de citação).

Com esta consciência e no intuito expresso de desafiar e promover a reflexão pessoal e coletiva, este livro-mensagem, como também lhe chamei, aborda e acolhe praticamente todos os temas de interesse para o assunto global.

Assim, do sindicalismo à Maçonaria, do Opus Dei aos movimentos de fronteira (incluindo o Todos Somos Igreja e a Fraternitas, associação de padres fora do exercício de ordens), do “esplendor do silêncio” “à inteligência espiritual” (em contraponto à racional e à emocional), das peregrinações e turismo religioso (destacando o papel, hoje porventura excessivamente centralizante e absorvente, de Fátima) até à religiosidade popular daquilo que Miguel Unamuno, com muita felicidade, chamou o “Cristo português”, um Cristo bonacheirão, bucólico e divertido, que gosta de conviver e brincar com os aldeões, como, aliás e pelas mesmas razões, são Santo António, S. Pedro e S. João, santos do povo, santos populares.

Desde as relações com as minorias étnicas (designadamente ciganos) culturais, sociais e mesmo religiosas, até à presença na comunicação social e à presença, absolutamente fantástica, da Igreja no social, onde é pioneira e líder, é referida toda uma panóplia de presenças operativas, como Misericórdias, IPSS, assistência em prisões e hospitais, a migrantes e refugiados, que, acrescendo à ação missionária, cultural e de diálogo social e político, ecuménico e inter-religioso, fazem de Portugal um país onde a

omnipresença católica e, portanto, o catolicismo é marca de identidade e desafio de perenidade.

De facto, tudo aqui se encontra. Até o futebol, com o belo testemunho intitulado “A força da Fé, escola de campeões”, do selecionador Fernando Santos.

E até o delicado tema dos “recasados” aqui é tratado, a págs.590-93, com a delicadeza e atitude que se espera de uma “Igreja, que é mãe”.

Nem sequer aqui falta a “Igreja digital”.

E tudo isto muito bem escrito, de leitura fluente e fácil, profusamente ilustrado com um bom milhar de fotos (até eu tive direito a boneco, vejam lá!).

Mais do que “uma radiografia da Igreja multifacetada”, como pertinentemente lhe chamam os seus autores, este “Portugal Católico” traduz uma intenção subjacente e não escrita de lançar “sementes de futuro” e enforma um convite e desafio a assumirmos que o catolicismo português tem características identitárias para, sem ceder a mitos nem ilusões do tipo Quinto Império, participar na atual globalização (aparentemente descomanda mas inequivocamente manipulada por interesses sem nome nem rosto nem ética) como agente ativo daquele pluralismo humanista e universalista, que levámos ao mundo na 1ª globalização dos Descobrimentos, grande Encontro de Povos, de Culturas e de Crenças. Sem barreiras nem fronteiras. Aqui e na vasta diáspora lusófona.

É seguramente com esse espírito que o livro termina, a págs. 755, dizendo que “Todos são precisos, porque em todos a semente germina e cresce”.

Por tudo isto, só me resta a recomendação do anjo-menino das Confissões de S. Agostinho: “TOLLE, LEGE”, “levai e lede”. Vale bem a pena.

A terminar, apenas três breves Notas:

1ª – A simples inclusão da obra no prestigiado e exigente “Círculo da Leitores” bem como a sua inclusão na sua série “Temas e Debates” (de que ainda há bem pouco tive a alegria de apresentar a “Crónica da uma Amizade Fixe” do meu amigo e colega Vítor Ramalho), só essa inclusão diz bem e garante melhor a qualidade da obra. Ali não entra qualquer um, nem dali sai uma coisa qualquer. Parabéns.

2ª – Uma palavra de reconhecimento e aplauso às entidades promotoras, que constam da lista do Convite para esta sessão, e aos patrocinadores com especial destaque para o Mecenas, Sr. Alexandre Soares dos Santos.

O mecenato, sem o qual nunca teriam sido possíveis as maiores obras primas do património mundial, constitui uma das mais nobres expressões da Responsabilidade

Social das Empresas. Bem hajam todos aqueles que, com tão útil resultado, o compreendem e praticam.

3^a e última – (The last, but not the least!)- Este livro é mais um testemunho inequívoco da rara capacidade do Prof. José Eduardo Franco para mobilizar saberes e mecenas para a serviço de grandes obras e grandes causas.

É já vastíssimo o rol de ousados empreendimentos levados a cabo com sucesso, que fazem dele um marco, uma referência maior, da defesa e divulgação da cultura e de Portugal neste nosso tempo histórico. Apreço de aplauso. Bem haja.

E bem hajam todos pela paciência de me ouvirem.